

# Autoria e formas de leitura em *blogs* de divulgação científica

Gladis Linhares Toniazzi  
Caroline Petian Rosa

**Resumo:** O presente estudo dedica-se a abordar a autoria em diários virtuais, popularmente chamados de *blogs*, uma das ferramentas da *web 2.0*. Com base prioritariamente em Michel Foucault (2009), discute-se a figura do autor nesses espaços públicos de interatividade e de divulgação de informações. Volta-se o olhar para *blogs* que priorizam a divulgação científica, como ResearchGate.com, ScienceBlogs Brasil, Anel de Blogs Científicos (ABC), Roda de Ciência e Lablogatórios. Faz-se uma observação nestes *sites* para verificar como são os processos colaborativos. O que se nota é que a produção colaborativa tende a facilitar o acesso e mesmo a discussão e, em consequência, a divulgação de temas antes restritos a públicos específicos, agora alçando espaços e nichos mais abrangentes.

**Palavras-chave:** autoria; divulgação científica; *blogs*; colaboração; hipertexto

**Abstract:** **Authorship and ways of reading scientific publishing blogs** - This study is dedicated to approach the authorship in virtual diaries, popularly called blogs, one of Web 2.0's tools. Grounded primarily in Michel Foucault (2009), it discusses the author's figure in those public spaces for interaction and information dissemination. He turns his gaze to blogs that prioritize the dissemination of scientific publications as ResearchGate.com, ScienceBlogs Brazil, Anel de Blogs Científicos (ABC), Roda de Ciência and Lablogatórios. It is an observation within these sites to verify how collaborative processes are held. What we have noticed is that the collaborative production tends to easen access and even the discussion and therefore the disclosure of matters previously restricted to specific public spaces, now reaching more broad niches.

**Keywords:** authorship; scientific dissemination; blogs; collaboration; hypertext

## Introdução

As tecnologias da informação e da comunicação habitam o ciberespaço de forma transformadora. Já se tornou lugar comum esta afirmação, porém, é necessário marcar e

refletir as mudanças e os ajustes decorrentes destas transformações. Os modos de fazer e utilizar as tecnologias, assim como os modos de ler e produzir conteúdo, também passam por mudanças drásticas. Observa-se que os papéis estavam previamente marcados, delineados, e hoje se pode tomar como exemplo as figuras de emissor e receptor que já não possuem lugares fixos, estes são transitórios e variáveis. Além dessas opções, o leitor/receptor pode, ainda, ser colaborador daquilo que é emitido na rede.

Esse hibridismo, característico da *web 2.0*, permite que as pessoas se reconheçam, estabeleçam comunidades e criem conexões que não poderiam ser feitas anteriormente. Assim, a nova *web* traça um novo rumo para a comunicação *online*, propiciando a formação de identidades e reconhecimentos.

Os ciberdiários, páginas pessoais, *weblogs*, ou simplesmente *blogs*, conforme definição de Oliveira (2004), constituem-se de uma ferramenta digital que oferece um espaço na Internet para que seus usuários a utilizem como forma de expressão aberta, de temática livre e de atualização frequente. A autora explica que estes *blogs* se tornaram um espaço garantido de expressão pública, podendo servir como álbum de fotos, agenda, exposição de ideias, jornal *online*, caderno de divulgação de serviços, entre outras utilidades. Os diários podem ser portas abertas a comentários, colaborações, tanto desejadas quanto indesejadas, por isso, o proprietário tem a autonomia de administrar os comentários, filtrando-os, ou deixando-os livres para o público sem bloqueios. Estas opções caracterizam a liberdade de manter ou alterar textos, imagens, ideias ou qualquer outro formato postado.

Diante da avalanche de opções em termos de comunicação *online* às quais estamos expostos diariamente, os *blogs* aparecem como espaços livres à autoria e coautoria, e apresentam, por meio de seus hipertextos, caminhos diversos para que o usuário escolha por qual labirinto ciberespacial ele quer adentrar.

No percurso digital, estão inseridos os processos de autoria única e colaborativa. Processos estes que passam pelas teorias de estudiosos, mas que até o momento não se tem constatado o que são, definitivamente, essas práticas na rede, já que o usuário tem a oportunidade de traçar seu próprio caminho de leitura e “editar” o texto, o que, para alguns autores, o torna um coautor.

Outra situação apresentada é que se podem identificar também características como o ato “copiar e colar”, já que muitos *sites* como figura institucional, ou até mesmo como figura jurídica, optam por distribuir informações que coletam em outras páginas – muitas vezes uma apropriação indevida. Observa-se que não se tem, por vezes, produção própria de material. Junto com esta prática encontramos também um problema de autoria. A ação “control+C/control+V” pode fazer com que se “esqueça” do verdadeiro autor.

A autoria, item fundamental a ser considerado e mantido na comunicação, ganhou outras significações com a Internet. O jornalismo colaborativo, por exemplo, mudou a condição tradicional do fazer jornalístico com as oportunidades de autoria múltipla. A Internet, com seus hipertextos, fez do leitor um coautor ao permitir que este escolha

o caminho de sua leitura. E os *blogs*, diários pessoais tão popularizados na divulgação de informações para a sociedade, por sua vez, permitem que os leitores adentrem no texto através dos comentários, os *posts*.

Neste trabalho, aborda-se a autoria em *blogs*, usando basicamente o conceito de autoria de Michel Foucault (2009), o qual destaca que o autor é o princípio de uma unidade de escrita e é também tudo aquilo que permite ultrapassar as contradições que podem manifestar-se numa série de textos. “O autor [...] é com certeza uma das especificações possíveis da função de sujeito” (ibidem, p. 70).

O recorte que se faz neste artigo é constituído pelos *blogs* que dão atenção à divulgação científica. Permitem a formação de públicos com interesse comum como, por exemplo, em um tema, em uma disciplina, em um curso. O meio acadêmico descobriu e aos poucos se apropria desta ferramenta para apresentar, estimular, trazer à reflexão e participação interativa entre alunos e professores, notadamente denominados de aprendizes e ensinantes. O interesse em observar tal temática relacionada à autoria está ligado ao fato de que, de acordo com os caminhos híbridos percorridos pelo internauta, este também se torna um coautor da divulgação já que é livre para editar a informação e absorvê-la na ordem que desejar.

### ***Blogs*: canais abertos para autoria coletiva**

No ciberespaço o compartilhamento de ideias, discussões, debates, comentários, fóruns, *blogs*, redes sociais, ajudam a fortalecer a grande esfera pública que é a Internet. Na era da democratização da comunicação, os *blogs* refletem esse cenário. Para Perazza (2010), a Internet é um espaço aberto a opiniões, críticas, desabaços e questionamentos. Há, pois, uma maior visibilidade do mundo com tantas fontes e perspectivas. Os *blogs* são uma ferramenta que vêm para somar à comunicação.

A palavra *blog* é resultado da contração do termo *Web log*, diário da *Web*. Trata-se de um *site* cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos das postagens. Geralmente se organizam de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do *blog*, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do *blog*.

Recuero (2003 apud ADGHIRNI; PEREIRA, 2006, p. 2-3) divide os *blogs* em três categorias: diários eletrônicos (“fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo”), publicações eletrônicas (“se destinam principalmente à informação”) e publicações mistas (“misturam *posts* pessoais sobre a vida do autor e *posts* informativos”). Descartamos, neste artigo, aqueles que têm cunho de publicações eletrônicas, que priorizam a informação. Optamos por nos referir àqueles que tratem apenas de divulgação de informação, sem destacar a vida pessoal. Cabe destacar que a difusão do científico pode se dar de duas

formas – por disseminação, que é a divulgação entre pares; e por divulgação, que é feita por cursos, aulas de ciência, divulgadores e pelo jornalismo, por exemplo. Os *blogs* citados aqui, sejam eles mantidos por pesquisadores, divulgadores ou por jornalistas, fazem divulgação, pois visam atender ao grande público e não somente aos pares. Percebe-se que cada vez mais os indivíduos se valem do acesso a estes *blogs* de divulgação científica como ferramentas usadas para informação, elucidação e pesquisa sobre temas específicos.

Os *blogs* se constroem em uma fronteira sinuosa. Conforme Adghirni e Pereira (2006) as primeiras plataformas de alojamento dos *blogs* foram construídas e utilizadas por atores externos ao universo jornalístico (programadores e tecnófilos em geral), contaminados pela crença numa horizontalidade da produção e difusão de informações, no mito de uma inteligência coletiva.

[...] a escrita é um jogo ordenado de signos que se deve menos ao seu conteúdo significativo do que à própria natureza do significante; mas também que esta regularidade da escrita está sempre a ser experimentada nos seus limites, estando ao mesmo tempo sempre em vias de ser transgredida e invertida; a escrita desdobra-se como um jogo que vai infalivelmente para além das suas regras, desse modo as extravasando. (FOUCAULT, 2009, p. 35)

Autores como Primo e Recuero (2003, p. 55) enfatizam que a *web* traz consigo uma nova possibilidade de acesso, que permite aos internautas navegarem por entre as alternativas disponibilizadas. Dessa forma, boa parte dos estudos sobre hipertexto costuma atribuir coautoria a qualquer internauta que ao chegar a uma página com diversos *links* e trajetos potenciais escolhe seu próprio percurso de navegação. Há quem defenda que todo usuário é um coautor exatamente pelo fato de o mesmo poder escolher os caminhos pelos quais irá percorrer. Também se pode observar que seja qual for a denominação utilizada a tendência é a formação coletiva de uma construção ou reconstrução social da informação, dos processos que podem levar ao conhecimento.

Entretanto, como destacava Foucault, não se trata da morte do autor, mas de ver a autoria como uma função. A autoria é um princípio de controle da produção discursiva e em *blogs*, mesmo podendo ser uma escrita apressada, pode haver, como no caso da ciência, a fundação de uma obra – de uma pesquisa.

Foucault ainda chama a atenção para as implicações que a noção de obra tem para a compreensão da função de autor. Para ele, tudo que foi dito e escrito por um autor deve ser atribuído à sua obra, e que detalhes banais ligados ao cotidiano de um autor, como anotações sobre um encontro ou um endereço, uma nota de lavanderia encontrados em seus livros, são, também, parte da obra (FOUCAULT, 2009, p.76).

Estes aspectos permanecem pertinentes e se mostram atuais nos processo de produção e exposição dos *blogs* conforme veremos a seguir.

## A ciência via *blogs*

Os primeiros *weblogs* eram baseados em *links* e dicas de *websites* pouco conhecidos, bem como em comentários, funcionando como uma publicação eletrônica. Eles não foram criados exclusivamente para servirem como “diários eletrônicos”, mas como formas de expressão individual (PRIMO; RECUERO, 2003, p. 56).

Inicialmente os *blogs* eram mais popularizados entre adolescentes e utilizados como diários virtuais. Essa ferramenta permite a publicação de texto, imagens, sons e uso de linguagens variadas, sem restrições. Isso é uma das preocupações apontadas por Oliveira (2004), pois o blogueiro pode registrar tudo o que quiser, mesmo que não seja verdade. “Dessa forma o indivíduo poderia criar um mundo à parte, e realidade e fantasia poderiam confundir-se, deixando-o na ilusão de estar inserido dentro da sociedade, ou melhor, de um grupo social” (OLIVEIRA, 2004, p. 202).

Conforme destaca Ideylson dos Anjos (2006), pela Internet se constrói uma rede mundial por meio da qual todos podem estar interligados num mesmo espaço – o ciberespaço – e num mesmo tempo presente, com o processamento de contatos dos tipos um-um, um-todos, todos-todos. A ciência foi inserida nestes espaços como uma forma de ser disseminada entre os diversos públicos. Há redes sociais de contatos específicos para discutir e divulgar ciência, ato que não era visto há poucos anos, pois as pesquisas tendiam a ficar restritas a cientistas, laboratórios e revistas especializadas. O cenário mudou completamente com as novas ferramentas comunicacionais, pois o cientista e sua pesquisa podem hoje percorrer a *web* em busca de colaborações e *feedbacks* que antes não eram encontrados tão abertamente.

Ao pensar em inovações em rede, Johnson (2011) destaca que há de fato alguns problemas que são maravilhosamente resolvidos por pensamento coletivo, porém, grandes coletividades raramente são capazes de verdadeira criatividade e inovação. Em conformidade com o autor, “não se trata de sabedoria da multidão, mas de sabedoria de *alguém* na multidão. A rede, ela própria, não é inteligente; os indivíduos é que ficam mais inteligentes por estarem conectados a ela” (ibidem, p. 52-53). As redes de colaboração voltadas para a ciência reúnem interessados que podem auxiliar o pesquisador, entretanto, há de se ter um pensamento coletivo e colaborativo agindo conjuntamente.

As conclusões de Johnson ligam-se ao fundamento de inteligência coletiva de Pierre Lévy (1994). Na rede, o conhecimento colaborativo nem sempre é o mais adequado. No caso da divulgação científica, por exemplo, o conteúdo colaborativo pode transformar o texto final em algo discrepante da informação original. O autor já não é mais único dono de seu texto e o que o leitor recebe já não é mais um texto único. O leitor capta as colaborações via *posts*, por exemplo, e pode chegar ao final com a percepção de vários outros “autores indiretos”, ou seja, todos aqueles que fizeram comentários, de alguma forma, adentraram no texto original e o transformaram.

Estas ferramentas prioritariamente dialógicas entre os vários atores possibilitam a retroalimentação, o diálogo entre a pesquisa, as diversas instituições de fomento e o público. Imprimem, portanto, um aspecto de dinamicidade proporcionado pelo conhecimento científico em conjunto com os novos meios comunicacionais. Porto e Moraes (2009) afirmam que ações de popularização e divulgação da ciência têm sido a tônica de estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento, enfatizando a importância da formação de uma cultura científica em públicos que antes da *web 2.0* não estavam contemplados com tal conhecimento. Para os autores, além de divulgar a ciência, é necessário que essa divulgação propicie a reflexão da sociedade sobre ciência e tecnologia. É esse o objetivo mais abrangente da divulgação científica – promover o entendimento e a reflexão crítica acerca dos conteúdos divulgados.

[...] os textos que hoje chamaríamos científicos, versando a cosmologia e o céu, a medicina e as doenças, as ciências naturais ou a geografia, eram recebidos na Idade Média como portadores do valor de verdade apenas na condição de serem assinalados com o nome do autor. (FOUCAULT, 2009, p. 48-49)

Os textos, os livros, os discursos, conforme Foucault, começaram efetivamente a ter autores, na medida em que o autor se tornou passível de punição. O nome de autor não é somente um elemento de discurso, ele assegura uma função classificativa, permite reagrupar, selecionar, delimitar e se opor a outros textos. A indicação de autor aponta que o discurso não é flutuante, indiferente e que deve receber um estatuto.

A ciência colaborativa tão propagada na contemporaneidade parece ser um fenômeno, destaca Alexandre Rodrigues (2012), na edição de março da Revista Galileu. Segundo o autor, em janeiro de 2012, a 6ª edição da conferência *Science Online* reuniu 450 cientistas e jornalistas na Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, e outros milhares de internautas, para discutir quais serão os rumos da pesquisa científica com as transformações trazidas pela Internet. O autor destaca que uma das principais mudanças é que agora os pesquisadores não dependem mais totalmente das revistas do ramo para compartilhar seus estudos. Há *blogs* criados pelos próprios pesquisadores que oferecem participações colaborativas, além de contribuições para enciclopédias virtuais, por exemplo.

O caráter de verdade única da ciência, como expôs Foucault (2009) na citação antes vista, já não é regra na *web* colaborativa. Desde que esteja disponibilizada na rede, sendo passível de comentários e alterações, a informação já não entra com essa força de verdade, ela vem como parte de um estudo que pode ser complementado pelas interferências possíveis do sistema colaborativo.

O Brasil oferece diferentes espaços de divulgação científica via Internet, por exemplo, o condomínio de *blogs* ScienceBlogs Brasil, a extensão de uma rede maior de *blogs* de ciências intitulado ScienceBlogs. Este foi lançado em janeiro de 2006 e em 2009 reunia mais de 70 *blogs* em inglês e duas redes coligadas: o ScienceBlogs Alemanha (criado

em 2006), com 25 *blogs*, e o ScienceBlogs Brasil (criado em 2008), hoje com 34 *blogs*. Em sua *homepage*, destaca-se que o objetivo do condomínio “é criar um espaço para discutir Ciência de forma aberta e inspiradora. As redes escritas em alemão e português são uma forma de tornar vozes locais em vozes globais” (SCIENCEBLOGS, 2012, *online*). Os *blogs* deste espaço oferecem oportunidades para discussão inclusive em outras redes sociais como o Twitter, Facebook e Google+, por exemplo.

Há ainda o aproveitamento de recursos de hipertexto que complementam as informações publicadas e a “blogagem coletiva”, um espaço no qual são discutidos temas e os blogueiros postam seus próprios textos complementando a proposta inicial. Em fevereiro de 2012, uma das propostas de blogagem coletiva foi sobre o fim do mundo, sob o tema “2012: o último Carnaval?”, e as postagens foram publicadas como textos contínuos, porém com *hiperlinks* que ofereciam o real conteúdo, como mostra o trecho a seguir:

O Emanuel [limpa a barra do CERN no Caderno de Laboratório](#).

Já o Carlos Orsi fala sobre [os sinais do apocalipse!](#)

Nosso vizinho do [Meio de Cultura](#), Samir trata da [dinâmica epidemiológica de um ataque zumbi](#). E, na continuação, faz um [guia de sobrevivência à epidemia!](#) [...]. (IAMARINO, 2012, *online*)<sup>1</sup>

Há outros exemplos como o Anel de *Blogs Científicos* (ABC), o Roda de Ciência e o Lablogatório (criado pelo Laboratório de Divulgação Científica do Departamento de Física e Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP). Em geral a divulgação científica nesses espaços é mantida por profissionais de áreas como biologia, engenharia, psicologia, medicina entre outras. No caso do Anel de Blogs, admitem-se postagens, comentários e priorizam-se notícias e divulgação de eventos científicos. Há ligação com outras redes sociais e disponibilizam-se *tags* que levam o usuário a conteúdos relacionados.

O ResearchGate.com, criado pelo virologista alemão Ijad Madisch, combina recursos do LinkedIn, Twitter e Facebook com postagens e informações acerca de oportunidade de empregos e comentários. Além disso, o *blog* mantém informações sobre medicina (prioritariamente), física, psicologia, ciências sociais, ciências agrárias, antropologia, biologia, química, ciência da computação, *design*, economia, educação, engenharia, entretenimento e artes, geociência, história, leis, literatura e matemática. As divulgações estão organizadas em conferências, seminários, *workshops* e outras. É possível criar grupos de trabalho, conhecer pesquisadores da sua área de interesse, disponibilizar *papers*, relatar experiências; enfim, há facilidades para consulta, divulgação e diálogo científico.

Foucault (2009, p. 49) ressalta que no século XVII os discursos científicos eram autossuficientes. Dessa forma, apaga-se a função autor e o nome do inventor servia apenas para batizar sua teoria. Ainda sobre a questão da autoria, Foucault expõe que uma carta

<sup>1</sup> Trecho extraído da página do Science Blogs Brasil, na qual se discutia coletivamente sobre o fim do mundo.

pode ter um signatário, mas não um autor, um contrato pode ter um fiador, mas não um autor, bem como um texto anônimo que se lê numa parede terá um redator, mas não um autor. Para ele “a função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (ibidem, p. 46).

Em suma, o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso ter um nome de autor, o fato de se poder dizer “isto foi escrito por fulano” ou “tal indivíduo é o autor”, indica que esse discurso não é um discurso cotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto. (Ibidem, p. 45)

Confunde-se a figura do autor com a da autoria; aspectos legais decorrentes desta situação suscitam o debate e mesmo propostas de leis que almejam controlar ou proteger a figura conhecida como autor. O movimento do Creative Commons, criado em 2001, conta com representações em mais de 40 países e tem como objetivo principal licenciar parte do conteúdo produzido:

[...] qualquer conteúdo encontrado na Internet ou em qualquer outro lugar é protegido pelo direito autoral. Isso significa que qualquer utilização depende da autorização do autor. Muitas vezes isso dificulta uma distribuição mais eficiente das criações intelectuais, ao mesmo tempo em que impede a realização de todo o potencial da Internet.

No Brasil o Creative Commons é mantido com recursos e pessoal do Centro de Tecnologia e Sociedade da Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getúlio Vargas.

Existe uma preocupação no que se refere à legislação, nos Estados Unidos; tramitam no congresso norte-americano projetos de lei, denominados de SOPA (Stop Online Piracy Act) e PIPA (Protect Intellectual Property Act), que têm provocado a discussão a respeito do controle, na *web*, de conteúdo, nomes de domínios, filtragens de buscas etc. As representações de diversos organismos internacionais têm se manifestado contra a aprovação destes projetos por entenderem que, de forma geral, trariam restrições de acesso e uso da rede, até então de livre acesso em grande parte do mundo ocidental.

Quanto às considerações de autoria e suas implicações nesse contexto digital, o ciberespaço<sup>2</sup> é um local de conexão e os receptores virtuais também são produtores de sentido e não atuam de forma passiva. Os interagentes deste espaço, captando os conteúdos, são receptores-sujeitos ativos e seletivos. Morin (apud MARTINS, 2007) ressalta que a interatividade traz à tona uma nova forma de consumo dos conteúdos comunicacionais

<sup>2</sup> Trivinho (2001, p.180) destaca que “ciberespaço é uma estrutura info-eletrônica transnacional de comunicação de dupla via em tempo real, multimídia ou não, que permite a realização de trocas (personalizadas) com alteridades virtuais (humanas ou artificial-inteligentes)”. Nesta tese, preferiu-se utilizar o termo em língua portuguesa, ao invés do correspondente em inglês – *cyberspace*.



e, ao mesmo tempo, surge como uma nova forma de laço entre indivíduos, numa noção do que Maffesoli (1996) denomina de tecnossocialidade.

A interação e o contato são as máximas do mundo globalizado. Quem e o que não está na rede são excluídos do mundo digital, ou seja, ficam à margem da sociedade, como uma morte simbólica.

A existência eletrônica espectral em tempo real, especialmente o seu braço mais sofisticado e doravante hegemônico, a teleexistência no universo virtual, processa-se à sombra de um cenário funéreo – sombra cuja representação conceitual mais apropriada radica no recurso à metáfora, por timbrada que seja –: a teleexistência não se positiva sem, ao mesmo tempo, estruturar, irrecorrivelmente, de outro lado, o cemitério da materialidade do mundo, assim como, de resto, de todos os elementos que lhe constituem a forma herdada. Assim é a cibercultura em sua integralidade: produção ampliada da morte espectral. (TRIVINHO, 2004, p.32-33)

A ciência é necessária e precisa estar no ciberespaço, pois seu público também está nele. Em consequência, a visibilidade midiática alcançada por esta exposição é critério fundamental para que se possa “existir” e, muitas vezes, garantir *status* de real.

Essas são características da sociedade pós-moderna, conforme Maffesoli (1996), uma sociedade efêmera, imediata e empática, e como unidade que não é fechada, acabada, objetiva e instrumental, mas sim uma unidade holística processual, na qual diversos elementos agem em sinergia dentro de uma mesma forma. Para Oliveira (2004), a contemporaneidade é marcada por um imaginário dionisíaco, em que situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social são simuladas e potencializadas pelas tecnologias. O *blog*, portanto, segundo a autora, serve como um lugar onde o sujeito, pela escrita (*posts/comentários*), procura inserir-se nessa representação de pós-modernidade. Portanto, necessariamente os autores estão expostos e dispostos ao diálogo, ao embate decorrente da exposição na rede e, por sua vez, os receptores virtuais têm a possibilidade de se tornarem ativos, visíveis ou mesmo ocultos, se assim desejarem. É o mundo das possibilidades que se entreabre constantemente.

## Algumas considerações

A geração de escritores pós anos 2000 está associada à escrita na *web*, por meio da qual os autores expõem desde sentimentos, eventos, a experimentos e resultados científicos. À moda de um diário íntimo, porém nada secreto, o autor escreve e se sujeita a comentários e colaboração de terceiros, o que não dissolve a autoria, mas, de algum modo, a transforma em coletiva. Ressignifica a forma e o conteúdo e por consequência confere coautorias só possíveis nestes meios digitais, atualizáveis indeterminadamente. Resgatando Foucault (2009, p. 74), “somos obrigados a substituir o sujeito individual por um sujeito coletivo ou trans-individual”.

Os *blogs* são espaços públicos de interdiscursividade e que abrem espaço para coautorias. Oferecem a possibilidade de contato entre sujeitos, de aquisição de informação e de exposição de opiniões; o público interligado tem a liberdade de participar, de debater sobre ciência e expor suas contribuições e entendimentos pessoais. Possibilitam publicações abertas, constituindo-se como redes sociais livres e democráticas. Ou seja, espaços que dão voz e autoria a quem quiser se expressar.

Os *blogs* que se dedicam à divulgação científica ainda estão a caminho de uma forma consistente de ação, mas já é possível observar iniciativas de especialistas de diferentes áreas do conhecimento interessados na comunicação de ciência para o grande público. No Brasil, além dos que destacamos, há outros diários virtuais mantidos por pesquisadores, instituições educacionais, divulgadores e jornalistas. Dessa forma, nota-se que de fato está ocorrendo uma popularização da ciência no ciberespaço por meio dos *blogs*.

A autoria em *blogs* não está restrita apenas aos *posts* de seus “autores”, mas esta se estende também aos comentários que os textos recebem, ou seja, às colaborações. O leitor, ao decidir os caminhos hipertextuais que irá traçar, define como a informação será absorvida e ao postar seu *feedback*, acaba, por consequência, dando continuidade ao texto inicial (do *post*), tornando-se coautor.

Os populares diários virtuais representam espaços de transformação da divulgação científica, e esta passa a ser veiculada em um canal de grande visibilidade mediática, podendo ser resultado, muitas vezes, de autoria colaborativa.

A mudança ocorre por meio de um contínuo processo colaborativo e envolve o sistema de divulgação, sua abrangência, seu impacto na sociedade e, mais recentemente, os projetos de regulação ou regulamentação de um espaço considerado livre. Estes usos tendem a ser alterados, ressignificados e atualizados. Portanto, com a situação exposta e colocada à **discussão, podemos esperar mudanças no fazer, colaborar e consumir informação na web** e os *blogs* e seus colaboradores tendem a acompanhar estas alterações.

Gladis Linhares Toniazzi é doutora em Comunicação Social pela UMESp, pesquisadora em Educação e Comunicação. Compõe a coordenação pedagógica do Centro Universitário Uniseb Interativo, em Ribeirão Preto.

gladislinhares@gmail.com

Caroline Petian Pimenta Bono Rosa é jornalista, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, com tese sobre divulgação científica no ciberespaço. É professora e pesquisadora na área de comunicação virtual. Membro do grupo de pesquisa Estudos de Comunicação e Linguagem – Coling (UMESP).

caroline.petian@gmail.com

## Referências

- ADGHIRNI, Z. L.; PEREIRA, F. H. (2006). Perfil profissional no ciberjornalismo: o blog como espaço de autoria e identidade na web. *Sbpjor*. Brasília: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Disponível em: <[http://sbpjor.kamotini.ghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/coord3\\_zelia\\_adghirni\\_e\\_fabio\\_pereira.pdf](http://sbpjor.kamotini.ghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/coord3_zelia_adghirni_e_fabio_pereira.pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2011.
- DOS ANJOS, I. S. V. (2006). *Introdução ao pensamento de inteligência coletiva de Pierre Lévy*. 2006. 96 p. (Graduação em Filosofia). Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande/MS.
- FOUCAULT, M. (2009). *O que é um autor?* 7. ed. Lisboa: Nova Veja.
- IAMARINO, A. (2012). 2012, o último carnaval? Blogagem coletiva. *Science Blogs Brasil*. Disponível em: <<http://scienceblogs.com.br/raiox/2012/02/blogagem-coletiva-final-do-mundo>>. Acesso em 28 fev. 2012.
- JOHNSON, S. (2011). *De onde vêm as boas ideias*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar.
- JONES, B. (2009). *Web 2.0 heroes: entrevistas com 20 influenciadores da web 2.0*. São Paulo: Digerati Books.
- LÉVY, P. (1994). *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola.
- MAFFESOLI, M. (1996). *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes.
- MARTINS, F. M. (2007). Cyberspace e os sujeitos da interatividade. *E-COMPÓS – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Agosto de 2007, p. 1-7. Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Disponível em: <[www.compos.org.br/e-compos](http://www.compos.org.br/e-compos)>. Acesso em: 12 fev. 2012.
- OLIVEIRA, M. R. M. (2004). Weblogs: a exposição da subjetividade adolescente. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org.) *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Clara Luz.
- PERAZZA, E. (2010). A internet como espaço público. *Pandora*. Disponível em: <<http://pandora.jor.br/2010/04/15/a-internet-como-espaco-publico/>>. Acesso em: 10 out. 2010.
- PORTO, C. M.; MORAES, D. A. (2009). Ciência na internet: mapeamento da divulgação científica nos sites de nove Universidades Federais da região Nordeste do Brasil. *Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura*. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneacom/article/viewArticle/3686>>. Acesso em: 1 dez. 2011.
- PRIMO, A.; RECUERO, R. C. (2003). Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 22, dezembro, p. 1-13.
- RODRIGUES, A. (2012). Facebook dos cientistas. *Revista Galileu*. São Paulo: Globo, n. 248, março, p. 26-27.
- SCIENCEBLOGS BRASIL. *Página oficial do condomínio de blogs Science Blogs Brasil*. Disponível em: <<http://scienceblogs.com.br/sobre.php>>. Acesso em 12 jan. 2012.
- TRIVINHO, E. R. (2004). Alteridade, corpo e morte no cyberspace: cicatrizes de um hipercrime na epifania do virtual. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 23, abril, p. 30-50.
- \_\_\_\_\_. (2001). *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro: Quartet.